

A RELÍQUIA – A NARRATIVA DOS ERROS...

Helena FERREIRA¹

Resumo: O presente artigo propõe-se analisar alguns episódios que sublinham os enganos ou fingimentos, desvios ou desacertos recorrentes em *A relíquia*, obra do escritor português Eça de Queiroz (1845-1900).

Palavras-chave: O sim e o não. A verdade e a mentira. A hipocrisia e o simulacro na vida e na ficção.

Resumen: El presente artículo se propone analizar algunos episodios que subrayan los engaños o fingimientos, desvíos o desaciertos recurrentes en *A relíquia*, obra del escritor portugués Eça de Queiroz (1845-1900).

Palabras clave: El sí y el no. La verdad y la mentira. La hipocresía y el simulacro en la vida y en la ficción.

INTRODUÇÃO

Por que o vocábulo *erro(s)*? Eis a pergunta que, possivelmente, um amigo de Eça faria. A resposta, no entanto, talvez não seja plausível nem convincente, mas reflete um ponto de vista meu, sem nenhum parentesco com qualquer ensaio sobre a obra eciana, moderno ou antigo.

Creio que a palavra *erro* e alguns de seus sinônimos – *engano* e *ilusão*, *juízo falso* e *desvio de/do bom caminho*, *falta*, *desacerto* etc. – têm muito a ver, de um modo geral,

¹ Professora de língua e literatura espanhola da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Rio de Janeiro, tradutora, ensaísta e poetisa. Ganhadora dos prêmios Lygia Moura Rasi e Guilherme de Almeida, instituídos pela União Brasileira de Escritores/RJ, respectivamente, por sua versão espanhola do livro de poemas *Dança do fogo – estudo sobre o desejo*, de Sílvia Jacintho, e pelo conjunto de versões em espanhol, francês e italiano editadas no Brasil e no Exterior. Tradutora para o francês de *A chama azul / La flamme bleue*, de Maria Carpi, publicada na França, em 2013, pelas Éditions Les Arêtes. Membro de la Sociedade Eça de Queiroz e sócia titular do PEN Clube do Brasil.

não só com o comportamento de Teodorico Raposo, o portador da inusitada relíquia, como também com o das personagens a seu redor.

Ouçamos em *flashback*, o desabafo de Teodorico ao refutar o julgamento que dele faz o arqueólogo e historiador alemão Topsisius: “(...) *o esclarecido Topsisius aproveita-me, através desses repletos volumes para pendurar, ficticiamente, nos meus lábios e no meu crânio, dizeres e juízos ensopados de beata e babosa credulidade*”.

E a “orientação” de Matias, o homem encarregado de levar Teodorico, quando menino, à casa da tia Patrocínio?: “(...) *É necessário dizer sempre que **sim** a titi!*”

Não terá sido ele, com essa costumeira “frase-conselho” que mais parece um bordão, o grande mentor de Teodorico no exercício de fingir? Ou, quem sabe, aquele que o ajudou a praticá-lo, cultivando-o pela vida afora?

Em meio às acepções que assinalam nossos “guias-socorro” Aurélio e Caldas Aulete, verifiquei que, neste último, até o sentido da palavra *erro* no âmbito da tipografia – “*Tudo o que não está idêntico ao original*” – coaduna-se, figuradamente, com a personalidade do peregrino “de aluguel”, a quem o alemão Topsisius chamava de *ilustre fidalgo lusitano*. Estaria Teodorico Raposo idêntico ao original, isto é, a seu verdadeiro eu no cotidiano com a tia e com as outras pessoas à sua volta?

Da infância à idade adulta, especializou-se em dizer o **sim** social, embora vivenciando o **não** pessoal. Não fez outra coisa senão enganar, iludir, sobretudo a tia beatíssima – Patrocínio das Neves – que o acolheu e o educou inculcando-lhe religiosidade: “*E quando passar pelo oratório, onde está a luz e a cortina verde, ajoelhe, faça o seu sinalzinho da cruz...*” Foi o que disse ao sobrinho, ao chegar este à sua casa após a morte dos pais. Teodorico, porém, não lhe obedeceu. Iniciava-se, então, o primeiro tempo do jogo do engano: o NÃO contra o SIM ou vice-versa, que se perpetuaria até o falecimento da tia.

Era difícil, ou melhor, impossível, vê-la distribuindo gestos de carinho e complacência a quem quer que seja. O gelo plural do sobrenome, que contrastava, com sua “abrasada” e fanática devoção religiosa, derretia-se apenas diante de pessoas e fatos ligados à religião, melhor dizendo, à Igreja Católica, razão por que, talvez, tenha empregado um diminutivo afetivo – *sinalzinho* – ao dirigir a palavra ao sobrinho.

Jovem, ainda, e recém-vindo de Coimbra, onde simulava aplicar-se nos estudos, Teodorico, tão logo tomou conhecimento da imensa fortuna da tia, entendeu que o meio mais fácil de fazer-se seu herdeiro, era fingir acompanhá-la no fervor religioso, devotar-se a Deus, aos santos, principalmente a São José – o de sua veneração – e a São Gonzaga; em suma, a tudo que estivesse sob o manto da Santa Igreja Católica.

Por conseguinte, começou a esmerar-se em proferir frases de efeito e próprias de um fiel seguidor das leis de Cristo, chegando a grotescos exageros de piedade, na maioria das vezes, só para impressionar Patrocínio, assim como os padres Casimiro e Pinheiro, além do Dr. Margueride, ex-delegado e ex-juiz, rico e ocioso, os quais frequentavam sua casa – um quase – santuário a cuja romagem iam mais descansadamente aos domingos.

Ainda quanto às ideias sinônimas de *erro*, não se pode negar a existência de um sutil *desvio de/do bom caminho* nas relações de amizade entre o abastado Crispim e Teodorico, quando coleguinhas no colégio interno dos Isidoros: *Crispim ajudava à missa aos domingos; e, de joelhos, com os seus cabelos compridos e louros, lembrava a suavidade de um anjo.*

Às vezes, agarrava-me no corredor e marcava-me a face, que eu tinha feminina e macia, com beijos devoradores à noite, na sala de estudo, à mesa onde folheávamos os sonolentos dicionários, passava-me bilhetinhos a lápis, chamando-me seu idolatrado e prometendo-me caixinhas de penas de aço...

Eça de Queiroz de novo patenteia a hipocrisia de Teodorico, com um estilo muito especial que, em certo sentido, se assemelha ao do primoroso escritor canário Benito Pérez Galdós (1843-1920): *Ó titi, pois não quer saber? Estava agora no oratório, a rezar de satisfação, e vai de repente parece-me ouvir a voz de Nosso Senhor, de cima da cruz, a dizer-me baixinho sem se mexer: fazes bem, Teodorico, fazes em visitar o meu Sepulcro... E estou muito contente com a tua tia... Tua tia é das minhas!...*

Esta última frase é chistosa, piada pura. Caricatural.

Após o pequeno “discurso” de Patrocínio do qual disse não querer o agradecimento do sobrinho pelo fato de custear-lhe a viagem em peregrinação à Terra Santa, já que o fazia com gosto, pela própria vontade e para honrar o túmulo de Jesus Cristo, porquanto se via impossibilitada de ir a Jerusalém etc.; evidencia-se o total desconhecimento de Teodorico a respeito de geografia: *Ir a Jerusalém! E onde era Jerusalém?*

(Que simulado estudante foi esse Teodorico! Como ignorar a localização geográfica de Jerusalém?)

Antes de partir, o *ilustre fidalgo lusitano* pergunta a seus amigos, os comensais domingueiros da casa da “titi” – Dr. Margueride e os padres Casimiro e Pinheiro – *que lembrancinhas desejavam dessas terras remotas onde vivera o senhor* A todos promete, inclusive à tia, trazer-lhes relíquias da Terra Santa.

Junto a seu inseparável o companheiro, o Dr. Topsius, perito em dizer tópicos (será que Eça de Queiroz fez alguma analogia com o substantivo latino *topice*, a Tópica, arte de lugar comum?) – inicia suas andanças por Alexandria, Jerusalém, pelo rio Jordão etc.

Em Alexandria, Teodorico conhece uma bonita luveira inglesa – *Miss Mary* – com quem inicia um relacionamento amoroso. Desta vez seu comportamento não é errôneo nem enganoso. Teodorico não finge. O **sim** exterior combina com o **sim** interior. Guarda, de fato, um sentimento sincero pela inglesinha. Crê, inclusive, que a ama. Entretanto, vem a despedida, momento ao qual se pode aduzir duas expressões que hispano-falantes gostam muito de citar: uma popular, que viajou pela Península Ibérica e nós, brasileiros, a herdamos e a empregamos – *Lo bueno dura poco* / “O bom (o que é bom) dura pouco” – e outra erudita, graças ao jesuíta Baltazar Gracián (1601-1658), escritor e crítico literário espanhol: *Lo bueno, si breve, dos veces bueno* / “O bom (o que é bom), se for breve, duas vezes bom”.

Miss Mary o presenteia com uma camisola sua já usada, mas perfumada, e junto a ela deixa também um bilhete amoroso. Pouco antes, Teodorico, durante uma visita aos lugares santos, depara com uma árvore estranhíssima, cujos galhos são espinhosos. Topsius crê que estes são um achado, uma boa oportunidade para confeccionar uma coroa e sugere ao fidalgo dizer à Patrocínio que se trata daquela que coroou Cristo. Pote, o guia amigo, se encarrega de fazer os dois embrulhos, ou seja, o da camisola e o da pseudocoroa.

Porém, por um desses desacertos inexplicáveis, os presentes acabam provocando uma hilariante confusão que o leitor advinha e espera: os embrulhos, que continham a falsa coroa e a camisola, são trocados à última hora, durante o corre-corre da arrumação da bagagem. Um perfeito *gag* acontece, tal como em filmes cômicos ou peças teatrais, do tipo comédia de erros ou *vaudeville*.

Teodorico se prepara, então, para entregar à tia a extraordinária e sacrossanta relíquia. Escolhe, solene, o oratório para esse fim. E eis que a farsa é descoberta, justamente ao dar à Patrocínio o embrulho que continha a camisola da inglesinha e seu capcioso bilhete...

Apesar de alguns exageros constantes em determinados trechos de *A relíquia*, do tom caricatural que a narrativa adquire, do sarcasmo, muitas vezes gratuito, bem como das excessivas ilações fantasiosas “codimentadas” de mau gosto, no que tange à vida familiar e sentimental-amorosa de Nosso Senhor, a obra ratifica toda a genialidade do autor, sobretudo quando enfoca a visão de Jerusalém à época de Pôncio Pilatos, as cenas do processo sumário da condenação e execução, enfim, a morte e o enterro de Jesus Cristo. Estampa, igualmente, as minuciosas e belas descrições – além de eruditas – dos monumentos histórico-religiosos e do complexo arquitetônico da cidade em geral afora aquelas que inventaria, com extrema singularidade, no quarto do Hotel do Mediterrâneo onde o “pio” Teodorico se hospedara.

Finalmente, acho que a frase de Valéry merece ser aqui lembrada; “*Le talent sans génie est peu de chose. Le génie sans talent n’est rien*”. Se o talento sem genialidade é coisa

pouca e se a genialidade sem talento não é nada, eu diria que Eça de Queiroz foi muito rico: não lhe faltou nem uma coisa nem outra.